

RUBEM BRAGA ESCREVE DIRETAMENTE DO "FRONT" PARA O "DIARIO CARIOCA"

A MAIS NEGRA D.

AS CENSURAS

ROMA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aérea — Em seu discurso na solenidade de 15 de novembro, o ministro Vasco Leitão da Cunha fez referencia ao fato de submarinos italianos terem afundado navios brasileiros quando o nosso país ainda era neutro.

Por mais que isso possa parecer estranho aos brasileiros, a verdade é que essa afirmação constitue, ainda hoje, para a grande maioria dos italianos, uma verdadeira surpresa. Centenas de italianos com quem tenho conversado — homens de todas as classes sociais e nivel de cultura, inclusive jornalistas politicos — ignoravam completamente a covarde ação de submarinos italianos que afundaram nossos navios, matando assim homens, mulheres e crianças de um país neutro. A censura fascista escondeu completamente esse fato. Segundo a propaganda fascista, o Brasil entrou na guerra obrigado pelos Estados Unidos. As grandes manifestações de protesto do povo brasileiro em seguida ao torpedeamento de nossos navios por submarinos ale-

mães e italianos não foram, como é facil imaginar, noticiadas aqui.

Uma vez que o Brasil declarou guerra, a maquinaria de propaganda de Mussolini passou a se interessar mais positivamente pelo nosso país. Ao mesmo tempo que a entrada de nosso país no conflito era ridicularizada da maneira mais baixa — com ataques que se dirigiam não somente á attitude do governo mas também ao nosso proprio povo — foram inventadas historias de milhares de imigrantes italianos sofrendo horrores nas prisões e campos de concentração do Brasil.

É facil imaginar o efeito que não teriam essas noticias sobre os italianos que têm parentes em nosso país. Os dois milhões de italianos natos que vivem no Brasil têm, certamente, aqui, milhões de parentes e amigos. Para esses, os italianos do Brasil estariam sofrendo toda classe de humilhações e padecimentos fisicos.

Proibindo a verdade — com a mais negra das censuras — e espalhando a mentira — com a mais audaciosa das propagandas

Dez. 44 - segue -

(Nossa gente - Dez. 44 - FEB)
pg 104

falta: "Bateria de 105" jan. 45
FEB pg 171

falta: "Um caso" jan. 45 pg 179

das — o Fascismo procurava incutir odios e paixões guerreiras.

Eis um belo exemplo dos que culpam a imprensa de males que muitas vezes são frutos exclusivos da falta de liberdade da imprensa. Atualmente, no setor em que acham, os brasileiros só enfrentam alemães, soldados duros, mas em nada superiores aos nossos homens, que já estão perfeitamente habituados a bater-se com eles, sem nenhum temor das virtudes guerreiras do "soldado incomparável" que a propaganda dos pro-nazistas brasileiros ajudou a exaltar. É preciso conversar com os nossos praticantes que estão na linha de frente para ver como é que essa nossa gente do povo, esses nossos brancos, mulatos, pretos e caboclos de qualquer canto do Brasil se adaptam a tudo, aguentam tudo, e riem quando a gente diz, para provocar, que o soldado alemão das Tropas de Assalto é o melhor do mundo.

— "É o melhor lá para as negras dele" — me disse outro dia um cabo brasileiro. "Para mim, não."

E riu com prazer, mostrando os dentes que a cor mulata da cara fazia mais brancos. Essa risada de um homem que enfrenta uma guerra dura, em condições de clima que jamais suportou na vida — isso, quer dizer alguma coisa. Não quer dizer que nosso homem seja melhor do que qualquer outro do mundo. Quer dizer que é capaz de lutar tão bem quanto qualquer outro — e não acredita na legenda dos "super-homens" que — dá vergonha dizer — tem sido defendida, no Brasil, por "sociólogos" nacionais, alguns (que eu conheço) de composição racial "inferior".

Aqui na Itália lutam, nos Exércitos aliados, homens de todas as raças. Encontrei, um dia destes, em uma cidade da retaguarda, alguns soldados judeus. São homens — todos eles, sem exceção, voluntários — que saíram da Palestina para lutar contra os nazistas. Os soldados "arianos" de Hitler que, em algum setor do "front" enfrentam essas dezenas de milhares de excelentes soldados judeus não terão — eu garanto — muita disposição para ou-

vir as histórias da "covardia" dos semitas, que "só sabem ganhar dinheiro e viver no mole".

Aí ficam essas mefancolicas — "ma non troppo" — considerações sobre a Propaganda, seus crimes e ridículos. Para acabar, devo dizer que causou má impressão, entre homens da FEB com quem conversei, a notícia de uma "manchette" de um jornal brasileiro que exagerava a atuação de nossas forças. Os nossos homens que estão na frente não apreciam essas coisas. Eles sabem que são uma parte muito pequena de uma guerra muito grande. Não sei como poderia ter surgido essa "manchette". Nenhum dos correspondentes acreditados junto às forças brasileiras — e no momento eles são os do "Correio da Manhã", "O Globo", "B.B.C.", "Em Guarda", "Associated Press", "Reuters" e este vosso pobre criado do DIÁRIO CARIOCA, (além do dos "Diários Associados", que mais comumente está em Roma) tem disposição para exagerar ou inventar coisas — muito menos um avanço espetacular.

Nossos homens têm, de um modo geral, avançado. As vezes são obrigados a parar, às vezes sofrem contra-ataques — e depois avançam outra vez — tudo isso lentamente, como não pode deixar de ser, em virtude da relação de forças e da natureza montanhosa do terreno. Esses homens que estão na frente não pretendem ser bichos sobrenaturais, nem pensam em derrotar os nazistas a gritos ou a pelego. Eles lutam. Não sei muitos, mas lutam — e lutam honradamente, lutam direito, lutam dia e noite, ao frio e à chuva, uma luta penosa. Não precisam que ninguém — aqui ou aí — exagere o que fazem, em tralalás patrioteiros. Eles não são monstros: são lavradores, são operários, são empregados no comércio, funcionários, trabalhadores de vários ofícios, estudantes, moços de escritório, simples filhos-de-família — são rapazes brasileiros que foram mandados para aqui ou vieram como voluntários, e cumprem seu dever como podem. Eles estão fazendo assim uma coisa importante: estão lutando pela liberdade.

(Cossa gente - Dz. 44 - FEB)

Dz. 44

114